

Revista de Ensino de Geografia

ISSN 2179-4510

www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO

Instituto de Geografia – IG

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ARTIGO

ORGANIZADOR PRÉVIO EM AULAS DE GEOGRAFIA

Rosana Figueiredo Salvi¹

Alan Alves Alievi²

Léia Aparecida Veiga³

RESUMO

A presente pesquisa mostra os resultados de aulas de Geografia preparadas a partir de organizadores prévios para promover a convergência entre a aprendizagem mecânica e a aprendizagem significativa. Utilizando *hashtag* (#) seguido de uma frase curta, sem espaços entre as palavras, utilizando o buscador do *Google* e também a ferramenta *Google Maps*, o conhecimento geográfico acerca do continente americano foi ensinado a alunos do 8º ano do ensino fundamental, partindo de conteúdos mais gerais para aqueles específicos. Além de buscar a inclusividade, perseguiu-se o objetivo de observar a diferenciação progressiva e a reconciliação integrativa de ideias e conceitos acerca desse continente, por meio de variadas tarefas que envolveram a participação dos alunos e o acompanhamento do professor em aulas de Geografia. Concluiu-se que o uso de organizadores promoveu situações de aprendizagem novas, ambiente colaborativo entre professor e alunos e dinamização das aulas.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem significativa. Hashtag. Continente americano.

1 INTRODUÇÃO

Em geral é difícil levar em conta o conhecimento prévio dos alunos por várias razões. Uma dessas é que tais conhecimentos podem ser considerados pouco relevantes ou não científicos e, portanto, conflitantes com o previsto nos programas de ensino. Ausubel *et al.* (1980), porém, consideram que é papel do professor investigar tais conhecimentos antes de

¹ Profa. Dra. do Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina. E-mail: salvi@uel.br

² Doutor em Geografia; professor do ensino básico - SEED-PR. E-mail: akalan@gmail.com

³ Doutora em Geografia, Universidade Estadual de Londrina. E-mail: lveiga.geo@gmail.com

iniciar um conteúdo, uma vez que estes podem auxiliar na condução para novas aprendizagens. Tal postura abria caminho para o que conceberam como aprendizagem significativa.

Todavia, em uma sociedade na qual a informação e o excesso da mesma esvaziam a compreensão do mundo vivido, por si só bastante complexo dada a teia de relações e acontecimentos que atingem todos em um só tempo, torna-se tarefa árdua ao professor de Geografia concretizar práticas de ensino que não somente sejam facilitadoras do processo de aprendizagem, mas também provoquem a curiosidade dos alunos acerca dos conteúdos, muitas vezes não correlacionados à sua vivência.

Alunos inseridos na atual conjuntura têm sua atenção diluída em meio a informações cada vez mais rasas em termos de conhecimento necessário ao entendimento da sociedade e seu desenvolvimento. A enorme gama de assuntos aleatórios esvaziados de conteúdo aos quais os alunos estão expostos nos mais variados meios de comunicação e, mais especificamente na *internet* e redes sociais, procede criando uma complexa e inescapável situação em que os mesmos se veem dispersos. No entanto, da mesma forma como estes meios criam as condições para uma profusão de conhecimento desnecessário, dialeticamente também criam condições para serem aprimorados como ferramentas de ensino e aprendizagem.

Pensando nesses pontos e com a finalidade de favorecer e potencializar a aprendizagem significativa visualizada por Ausubel *et al.* (1980), realizou-se no ano de 2016 uma série de atividades junto a um grupo de alunos com faixa etária de 12 a 13 anos de idade, regularmente matriculados em uma escola da rede pública na cidade de Londrina, Paraná/Brasil, no decorrer das aulas de Geografia.

Apropriando-se da *internet* enquanto um instrumento para trabalhar os conteúdos de aulas, buscou-se desenvolver uma prática de ensino que reunisse a conquista do interesse por parte dos alunos à produção do conhecimento geográfico, a partir de uma ferramenta aos quais estão familiarizados: o serviço de busca de informações conhecido como *Google*, criado pela empresa homônima no ano de 1997. A ideia foi de praticar a descoberta de conteúdos desconhecidos pelos alunos, por meio de informações iniciais e gerais, utilizando o buscador e o símbolo da cerquilha ou *hashtag* (#) seguido de uma frase curta, sem espaços entre as palavras, utilizando o próprio buscador do *Google* e também a ferramenta *Google Maps*.

Para compor a metodologia das aulas, foi utilizado o recurso denominado por Ausubel *et al.* (1980, p. 143) de “organizador prévio” com a finalidade de manipular deliberadamente a

estrutura cognitiva dos alunos para prover ideias ou torná-las evidentes em aulas de Geografia, ao mesmo tempo em que se criou um contexto novo ao conhecimento geográfico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como a aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação de uma informação a um aspecto relevante da estrutura cognitiva do aluno, a informação apreendida de forma significativa quando relacionada a outras ideias, conceitos ou proposições, funciona como uma âncora para novas aprendizagens. Pensando em alcançar patamares significativos em sala de aula, o presente texto traz um exercício no qual se partiu da aprendizagem por recepção para alcançar um estágio de significações em aulas de Geografia para alunos de uma escola pública.

Ausubel *et al.* (1980, p. 61) salientam que a aprendizagem significativa apresenta grandes vantagens sobre a aprendizagem por memorização ou mecânica, haja visto que: 1º - Os conhecimentos adquiridos significativamente ficam retidos por um período maior de tempo; 2º - As informações assimiladas resultam num aumento da diferenciação das ideias que serviram de ancoragem para outras mais elaboradas, aumentando assim a capacidade de aprendizagem dos materiais relacionados e; 3º - As informações apreendidas significativamente podem ser aplicadas numa enorme variedade de novos problemas e contextos. Desta forma, os autores supracitados propõem (p. 71) o uso de instrumentos denominados organizadores prévios (OP) ou antecipatórios em situações de ensino nas quais os alunos não dispõem de mecanismos prévios, subsunções para novas aprendizagens.

Os OP podem ser um filme, um texto, fotos, desenhos, frases, etc., desde que sirvam ao propósito de esteio à inclusividade e abrangência de conteúdos a serem ensinados. Na presente investigação foi utilizado o buscador *Google* como um OP de conteúdos geográficos acerca do continente americano. O buscador serviu como um ativador de temas e conceitos ainda não comumente usados pelos alunos, mas presentes na sua estrutura cognitiva. Constituiu-se, portanto, num instrumento apresentado para alcançar um nível de maior abrangência que permitisse a integração de novos conceitos aprendidos em aulas de Geografia.

De fato, para Ausubel *et al.* (1980, p. 143-4) a utilização de organizadores prévios auxilia a aprendizagem de conteúdos, principalmente aqueles mais desconhecidos. Investigando tal uso, no contexto dessa pesquisa os organizadores tiveram a finalidade de provocar curiosidade sobre conhecimentos pouco evidenciados pelos alunos naquele

momento, servindo para criar um ambiente mais interessante de ensino. Correspondem a três aspectos considerados no plano de aulas:

- 1) a utilização de um instrumento que permitiu prover subsunções quando os alunos se depararam com uma situação de aprendizagem nova;
- 2) a tecnologia digital foi facilitadora da aprendizagem, usada por meio do celular e do computador para acesso à rede de comunicação *internet*;
- 3) a dinâmica das aulas ocorreu em clima de colaboração entre alunos e a discussão foi direcionada pelo eixo aluno/aluno/professor durante a utilização do material e aluno/professor/aluno, durante comentários acerca dos conteúdos desenvolvidos.

O uso do buscador *Google* como um OP serviu ao propósito de introduzir conteúdos em aulas de Geografia, segundo as funções de:

- 1) oferecer suporte para um material mais detalhado e diferenciado que se seguiu nos textos a aprender ou na exposição a acompanhar;
- 2) discriminar conceitos e proposições similares ou conflitantes acerca do conteúdo e do material de instrução;
- 3) evidenciar ideias existentes na estrutura cognitiva dos alunos e que pudessem servir de base a novas aprendizagens.

Contudo, conforme Moreira (1982, p. 42) evidencia, um OP deve apresentar não só a possibilidade de diferenciação progressiva – princípio que prevê a apresentação das ideias mais gerais ao aluno em primeiro lugar, para progressivamente serem diferenciadas em termos de detalhes e especificidade, como também de reconciliação integrativa - princípio que leva em conta as relações existentes entre ideias e conceitos, apontando similaridades e diferenças e reconciliando inconsistências nos conteúdos de ensino. Assim, ambos os princípios foram respeitados na tentativa de fazer com que os alunos adquirissem uma visão geral do conteúdo, antes que se iniciasse a sua divisão em elementos constitutivos.

Ausubel *et al.* (*ibid*, p. 144) ainda destacam dois tipos de organizadores prévios propondo o uso de um, o tipo expositivo, quando um tema desconhecido pelos alunos é introduzido nas aulas e o de outro, o tipo comparativo, em caso de o conteúdo ser familiar ao aluno. A função do primeiro seria, portanto, a de ordenar o novo conhecimento a ser aprendido e a do segundo seria de integrar novos conceitos com conceitos similares ou ajudar a discernir conceitos diferentes, mas que podem causar alguma confusão.

Seguindo tais pressupostos, a escolha do *Google* como um OP obedeceu à seguinte regra:

- a. os assuntos buscados estavam em um nível compatível ao desenvolvimento dos alunos;
- b. os termos e conceitos apresentavam um nível de abrangência que serviu de arcabouço (contexto) ao conteúdo que estava sendo introduzido;
- c. os assuntos tratados tinham sempre relação com algum conhecimento já presente na estrutura cognitiva dos alunos;
- d. o modo de apresentação foi o mais organizado e claro possível.

3 METODOLOGIA

Realizou-se levantamento de dados empíricos junto a um grupo de adolescentes com faixa etária de 12 a 13 anos de idade, regularmente matriculados em uma escola da rede pública na cidade de Londrina, Paraná/Brasil, a partir da observação e aplicação de sequência de atividades no decorrer das aulas de Geografia no final do ano letivo de 2016.

A prática foi gerada a partir de uma situação em sala de aula em que se utilizou de um símbolo conhecido como cerquilha ou *hashtag* (#) seguido de uma frase curta, sem espaços entre as palavras, que deveria referir-se a um assunto, muitas vezes de conhecimento público, principalmente por parte dos alunos. O advento deste esquema baseia-se na utilização bastante difundida nas redes sociais de uma palavra-chave que remete e identifica o tema de um conteúdo que se queira compartilhar nestas. Neste contexto virtual, a *hashtag* direciona a todas as pessoas àquela pesquisa por meio de um *hyperlink*.

Desta forma, em um primeiro momento, para chamar a atenção dos alunos colocava-se uma *hashtag* que remetia a algum assunto do contexto dos alunos como uma forma divertida de chamar a atenção dos mesmos e criar uma situação para a discussão de algum conteúdo geográfico trabalhado anteriormente ou que viria a ser trabalhado, o que demanda não somente a pesquisa do professor sobre assuntos em destaque, como também da busca de entrelaçá-los com os conteúdos trabalhados em sala.

Nas primeiras tentativas as *hashtags* detinham papel meramente recreacional, tanto que as mesmas faziam menção, por exemplo, as situações corriqueiras vivenciadas pelos alunos, naquele momento. Uma das primeiras dirigia-se aos alunos que estavam, no segundo semestre de 2016, à “caça” de monstros virtuais por vários locais (reais) por meio do aplicativo de celular conhecido como *Pokemon GO*. Dado que muitas vezes os alunos

praticavam a busca dos monstros até mesmo na escola, deparávamos com varias situações em que a busca ocorria no ambiente da sala de aula, fato que fez com que tivéssemos que restringir a brincadeira, dado que o mesmo não poderia ocorrer no momento da aula. No entanto, como forma de chamar a atenção dos alunos acerca do problema e, para chamar-lhes a atenção sem criar maiores estardalhaços, foi utilizada a seguinte *hashtag*, #PokemonGONo!

Imediatamente os alunos gostaram da brincadeira e por mais simples a ideia, deu-se resultado esperado e o prosseguimento da aula ocorreu dentro do previsto no planejamento do professor. Nos dias seguintes outras *hashtags* foram utilizadas, escritas no quadro, sempre no início das aulas. Chegava-se ao ponto dos alunos esperarem ansiosos à nova *hashtag* “postada” pelo professor. Estas situações levaram ao raciocínio de que aquela ferramenta, tão comum ao mundo dos alunos, pudesse ser utilizada de forma mais enfática e objetiva em sala de aula e, principalmente nas aulas de Geografia, como um OP dos conteúdos das aulas, dado funcionar como um agente facilitador da aprendizagem, criando uma ponte cognitiva.

Assim, em uma determinada aula que ocorrera em um contexto que o mundo acompanhava a corrida presidencial nos Estados Unidos no ano de 2016, o que era objeto de estudo nos 8º anos do ensino fundamental II, em que várias situações noticiadas em meio ao processo eleitoral estadunidense puderam ser observadas e discutidas em sala de aula, as hashtags#SeVocêAcreditaEmMeritocracia#TrumpTrumpTrump, foram utilizadas para discutir os discursos e práticas estadunidenses em termos de política externa e relações comerciais junto aos demais países do mundo, no contexto da atual fase do capitalismo.

Interessante notar que alguns alunos, antes mesmo de o professor explicar o significado daquelas *hashtags*, conseguiram compreender a ideia transmitida, visto que o assunto acerca da exploração econômica e desenvolvimento dos países havia sido tratado em aulas anteriores. Ainda que alguns desconhecessem o significado do termo “meritocracia”, a discussão acerca do termo embasou-se na pesquisa prévia que os mesmos realizaram em meio à internet com seus celulares, após a autorização do professor, que mediou a busca e obtenção desta nova informação.

Desta forma, a partir desta pesquisa prévia dos alunos e das discussões realizadas naquela aula, ficou mais evidente a relação entre o termo e os discursos do candidato à presidência, bem como entre as questões levantadas acerca do desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos. Assim, a partir desta prática inicial, procurou-se pensar outras situações de uso da *hashtag* para trabalhar outros conteúdos com os alunos. Disto, foram criadas as hashtags#QueLugarÉEsse?#VamosPesquisar #GoogleIt.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na concepção de que a alfabetização cartográfica se traduz em aprendizado que não se resume a um conteúdo trabalhado unicamente nas séries iniciais, mas sim em um processo que se define na busca da leitura e interpretação de mapas em todo o decurso do aprendizado da Geografia, comprehende-se que a utilização das *hashtags* pode ser de grande valia para a compreensão não somente de conteúdos geográficos como também de processos de leitura e interpretação de mapas, de forma a integralizar os dois fazeres. Tão caro à Geografia, o trabalho com as coordenadas geográficas mostrou-se necessário para demonstrar aos alunos a localização de áreas e paisagens relativas ao continente americano.

Como passo inicial, a utilização das coordenadas geográficas das salas de aula foi um marco no entendimento de que aqueles números, aparentemente sem conteúdo, traziam as coordenadas de locais muitas vezes negligenciados nos livros didáticos (até por uma questão prática), mas que eram de significativa relação com suas vidas, colocando-os em seu contexto local. É justo relatar que antes mesmo de se usar a localização da sala de aula de suas respectivas turmas, projetou-se usar o endereço de cada aluno, para que cada um pudesse localizar sua moradia em meio à miríade de localidades, em uma forma daquele individuo se perceber no mundo, mesmo que de maneira congelada como uma imagem de satélite.

No entanto, esta foi uma ideia não executada naquele momento, mas que não se esgotou, tendo sido postergada em sua prática e ficado como reflexão entre professores e também entre os alunos. De qualquer forma, a ideia se manteve em relação à descoberta por parte dos alunos do que significavam aquelas coordenadas que os levaram a identificar sua sala de aula no globo terrestre, utilizando o buscador do *Google* e, mais especificamente a ferramenta *Google Maps*. Para tal, foi empregada a *hashtag* que aparece na Figura 1, na página seguinte.

Inicialmente os alunos não imaginavam a qual área as coordenadas geográficas se referiam e, dado que alguns começaram a investigar naquele mesmo momento, visto que lhes foi pedido que se pesquisasse no celular, deu-se o resgate de conceitos relativos aos sistemas de coordenadas geográficas e seu uso na atualidade, principalmente nos aparelhos de GPS (*Global Positioning System*) e desta tecnologia presente até mesmo em seus celulares.

A abordagem suscitou o aproveitamento do mesmo esquema em uma nova atividade que abarcou mais elementos para delinear uma condição de aprendizagem significativa dos conteúdos. Nas aulas seguintes foram realizados trabalhos com 8 (oito) grupos de 2 (dois) alunos na turma de 8º ano, da seguinte maneira: havia para cada dupla uma folha com várias

coordenadas geográficas que deveriam ser transcritas para o *Google Maps* a fim de que fossem descobertos os locais (áreas) daquelas coordenadas.

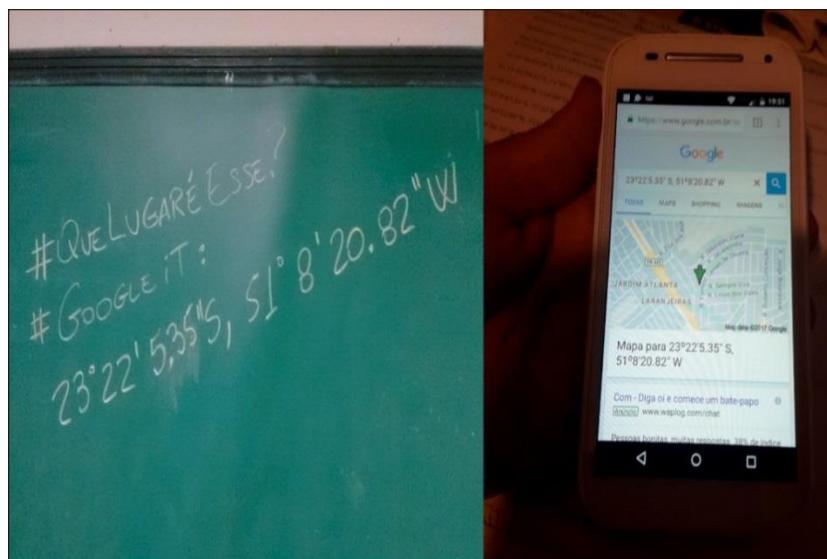


Figura 1: Uso da *hashtag* para localizar a sala de aula com as coordenadas geográficas no *Google Maps*. Fotos de Alan A. Alievi.

Verificar-se-ia que a maior parte das localidades pertencia ao continente americano, condição que deveria ser observada pelos alunos, visto que na fase seguinte os mesmos elaborariam 2 (dois) textos dissertativos acerca dos lugares encontrados, à sua escolha. Como materiais de consulta os alunos detinham os textos e atividades no caderno realizadas ao longo daquele ano, bem como o livro didático e os *websites* de pesquisa na *internet*, com a mediação do professor responsável (Figura 2).

Terminada a fase de descoberta dos locais, os alunos deveriam escolher dois desses lugares para escrever dois textos dissertativos a partir dos conhecimentos anteriores, bem como por meio da pesquisa com o material destacado. De fato, dado que os computadores com acesso à *internet* estavam à disposição, a maior parte dos alunos optou pela pesquisa nos mesmos, o que demandou uma mediação maior por parte do professor visto que a série de informações encontradas pelos alunos poderia incitá-los a usar qualquer dado sem uma consulta previa de sua veracidade e coerência. Nessa etapa notou-se a ação dos princípios da diferenciação progressiva e da reconciliação integrativa, uma vez que os alunos puderam selecionar e relacionar assuntos diferenciando-os ou juntando-os por semelhança e excluindo incongruências.

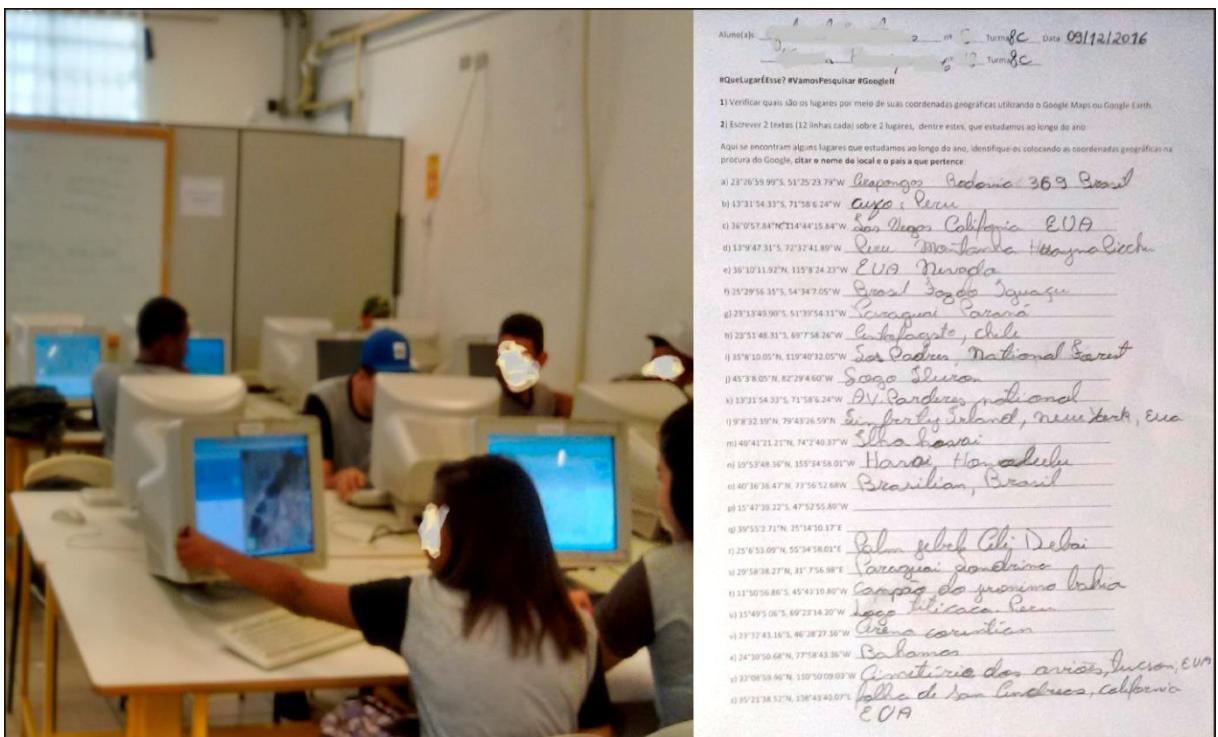


Figura 2: Alunos do 8º ano do ensino fundamental no laboratório de informática realizando pesquisa. Ao lado, uma parte da atividade com as instruções, as coordenadas geográficas e as respectivas áreas reconhecidas. Fotos de Alan A. Alievi.

De toda a forma, a pesquisa realizada permitiu aos alunos elaborar textos dissertativos de modo a abranger os conteúdos estudados ao longo do ano, bem como novas informações por eles buscadas e relacionadas aos temas da geografia do continente americano em questão. Veja-se, por exemplo, o texto aqui denominado como Texto A (Figura 3). Percebe-se que o aluno (neste caso, não estava em dupla), escolheu a Falha de San Andreas, na Califórnia, Estados Unidos, para discutir conteúdos trabalhados em sala de aula, tanto de cunho natural quanto econômico, buscando relacionar os elementos que se destacavam e que caracterizavam aquela porção de espaço geográfico. Até mesmo a menção a um filme que abordava o assunto e que na época estava sendo exibido nas salas de cinema foi elaborada pelo aluno, o que demonstra, dentre outras, que situações acerca do contexto de vida cotidiana do aluno (cinema, bairro, escola, *internet*, etc.) podem ser utilizadas e relacionadas aos conteúdos geográficos de uma forma que provoque e incite o questionamento e produção do conhecimento.

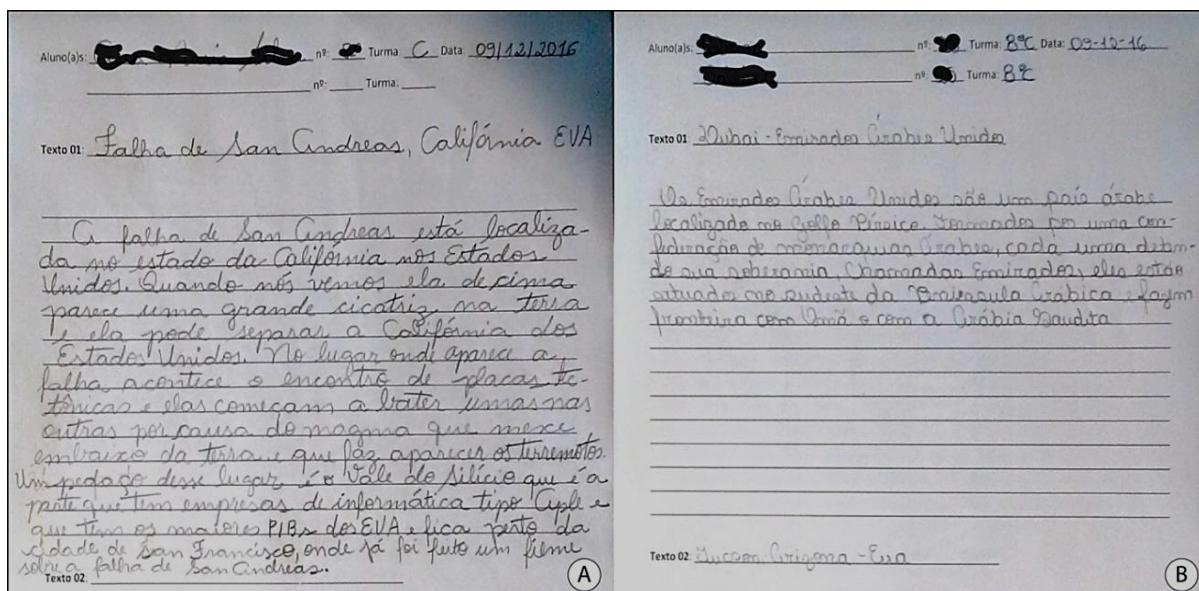


Figura 3: Atividade de aluno do 8º ano do ensino fundamental realizada no laboratório de informática com as instruções e as coordenadas geográficas e respectivas áreas reconhecidas.
Fonte: Alan A. Alievi.

Todavia, existem situações em que os alunos se confundem na interpretação, contudo, estas também foram aproveitadas para demonstrar que o erro promove reflexão e reformulação, um exercício importante no aprendizado. Neste quesito uma dupla começara a escrever acerca dos Emirados Árabes Unidos, mais especificamente sobre Dubai, quando no meio do processo perceberam que não haviam atentado para o fato de que o exercício pedia que fossem escolhidos 2 (dois) lugares estudados ao longo do ano. Ainda assim, foi o momento em que o professor aproveitou para aventar junto à dupla que mesmo não fazendo parte do rol de conteúdos tratados naquele ano em específico, Dubai era um importante centro turístico que detinha relações econômicas com vários países, dentre os quais aqueles do continente americano. Esta pequena passagem serviu, dentre outros exemplos, para demonstrar diferenciações progressivas operadas no desenvolvimento do conteúdo acerca do continente americano. De qualquer forma, a atividade promoveu o objetivo de incitar a atenção, reflexão e discussão acerca de conteúdos da Geografia trabalhados anteriormente de forma mais geral e, posteriormente, de forma mais detalhada, a partir da leitura de coordenadas geográficas e consequente localização de lugares muitas vezes mencionados e estudados nas aulas de Geografia.

Além disso, o professor levantou junto aos alunos alguns outros questionamentos sobre como se poderia descrever a paisagem por meio da imagem de satélite, procurando identificar formas de relevo, uso do solo e vegetação, bem como os tipos de atividade humana que poderiam ser observadas, tais como plantações, mineração, estradas e indústrias, dentre

outros. Novamente os organizadores prévios possibilitaram introduzir temas e conceitos importantes da Geografia permitindo, a partir de um nível de maior abrangência, a progressiva diferenciação de tais fatores e possíveis reconciliações integrativas deste conteúdo.

Chamou a atenção de alguns alunos as diferenças nas paisagens bem como as condições socioeconômicas que as mesmas, em uma primeira observação, poderiam sugerir, fato que foi tratado nos textos que se seguiram. Nuances também puderam ser observadas no trato com as coordenadas, pois, alguns alunos já percebiam ao longo do processo que essas poderiam referir-se aos diferentes hemisférios (Norte, Sul e Ocidental/Oriental), predizendo a localização dos lugares somente com esta informação, inscrita na própria coordenada geográfica. Para a totalidade de alunos foi muito interessante conhecer os lugares estudados ao longo do ano e perceber as diferenças nas paisagens, bem como reconhecer e refletir acerca das disparidades deste continente.

Viu-se realizada a concretização das operações de diferenciação progressiva e de reconciliação integrativa nas inúmeras manifestações dos alunos acerca da compreensão de conceitos mais gerais que foram sendo diferenciados em seus detalhes e especificidades e nos apontamentos de similaridades e diferenças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ausubel *et al.* (1980) consideram que a aprendizagem situa-se ao longo de um *continuum* entre a aprendizagem mecânica, por recepção, e a significativa, por descoberta. Pensando sobre esse aspecto objetivou-se que a aprendizagem dos conteúdos das aulas de Geografia partisse da forma tradicional e alcançasse estágios significativos para os alunos de maneira convergente. Para tal, elencou-se um OP que serviu ao propósito de motivar e provocar diferenciação progressiva e reconciliação integrativa de tais conteúdos. É possível observar na Figura 4 a trajetória almejada da pesquisa.

Na Figura 4 está representada a articulação que houve nas aulas de Geografia entre a aprendizagem tradicional, mecânica, e a aprendizagem significativa buscada na prática de ensino e nas atividades propostas. Quer dizer que houve uma forma típica de aprendizagem por recepção e por descoberta.

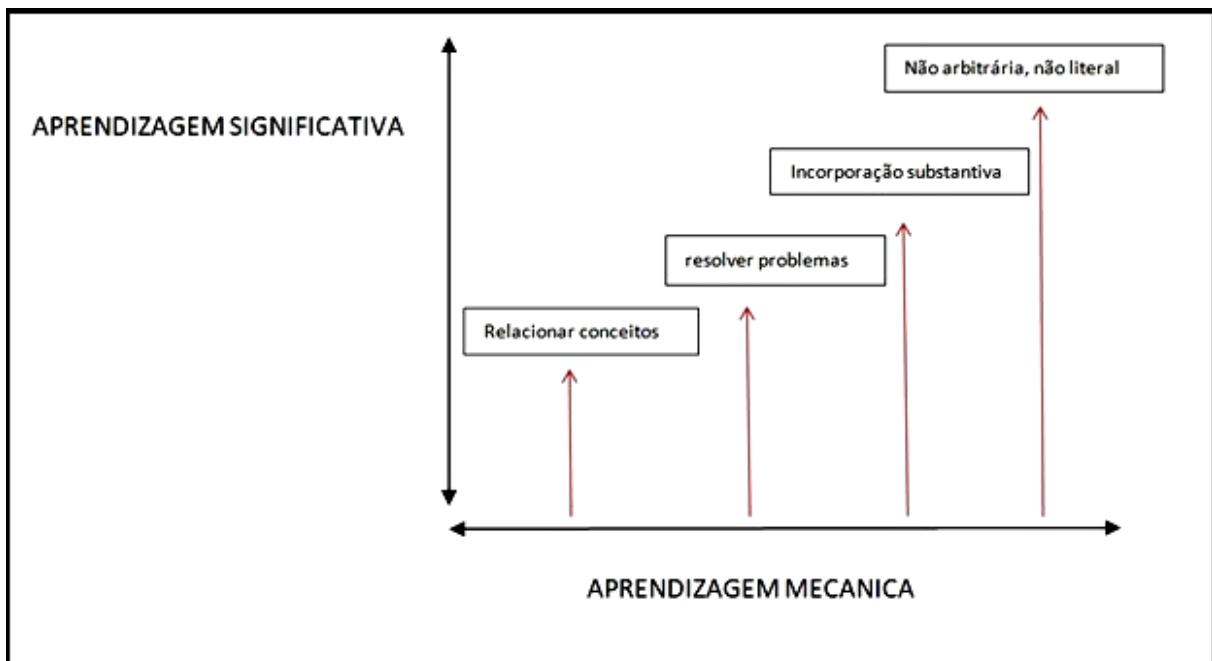


Figura 4: Convergência entre AM e AS em aulas de Geografia. Fonte: Ausubel *et al.* (1980).

Nota-se que as aulas de Geografia situaram-se em pontos intermediários da convergência entre aprendizagem mecânica e aprendizagem significativa. Entendendo que para Ausubel *et al.* (1980) a aula expositiva não gera necessariamente uma aprendizagem mecânica, assim como a aprendizagem por descoberta pode não gerar sempre aprendizagem significativa, buscou-se formas de combinação desses elementos de tal modo que pudesse haver aprendizagem por recepção (aula expositiva) e aprendizagem significativa (exploração do material pelos alunos e pelo professor) a partir de um OP dos conteúdos geográficos.

A busca no *Google* de coordenadas geográficas para demonstrar aos alunos a localização de áreas e paisagens relativas ao continente americano serviu como ativador de temas e conceitos ainda não usados pelos alunos, mas presentes na sua estrutura cognitiva. O OP constituiu, portanto, num instrumento apresentado para alcançar um nível de maior abrangência que permitiu a integração entre ideias e conceitos geográficos em torno de diferentes localizações e paisagens aprendidos em aulas de Geografia.

Por meio de pesquisa os alunos elaboraram textos dissertativos acerca dos conteúdos estudados e podem-se observar novas informações por eles buscadas e relacionadas aos temas em questão. As atividades incitaram atenção, reflexão e discussão acerca de conteúdos da Geografia introduzidos inicialmente de forma mais geral, a partir da leitura de coordenadas geográficas, até chegar-se ao detalhamento do continente por meio da localização dos lugares e da especificação de temas acerca da sua geografia física, de povoamento e dinâmica

econômica, muitas vezes mencionados e estudados nas aulas por iniciativa dos próprios alunos.

Todavia, ao acompanhar o questionamento dos alunos sobre como a paisagem poderia ser descrita por meio de imagens de satélite, o professor procurou promover reconciliação integrativa nas atividades de identificação de diferentes formas de relevo, uso do solo e vegetação, bem como nos diversos tipos de atividade humana que poderiam observar no continente, tais como plantações, mineração, estradas e indústrias, dentre outros.

Finalmente, com base em Ausubel (2003), procurou-se nas aulas de Geografia:

- i. Condições para a aprendizagem significativa na não-arbitrariedade do material - o material apresentado ao aprendiz se relacionou de forma não-arbitrária com ideias preexistentes em sua estrutura cognitiva.
- ii. O material se relacionou de forma substantiva, ou seja, reteve-se a substância das novas ideias, e não palavras precisas usadas para sua expressão. Desta forma, os conceitos foram expressos de diferentes maneiras, mediante distintos símbolos, equivalentes em significados.
- iii. Disponibilidade do aluno para aprender significativamente, obedecendo à condição de predisposição favorável do aprendiz para isso.

Conclui-se finalmente que o uso de organizadores antecipatórios facilitam uma singular aproximação ou convergência entre a aprendizagem mecânica, tradicional e a significativa, por descoberta.

PREVIOUS ORGANIZER IN GEOGRAPHY CLASSES

ABSTRACT

The present research shows the results of geography classes prepared from previous organizers to promote the convergence between mechanical learning and meaningful learning. Using hashtag (#) followed by a short phrase, with no spaces between words, using the Google search engine and also the Google Maps tool, geographic knowledge about the American continent was taught to students of the 8th year of elementary school, starting with contents more general for those specific. In addition to seeking inclusiveness, the goal was to observe the progressive differentiation and the integrative reconciliation of ideas and concepts about this continent, through various tasks that involved student participation and the accompaniment of the teacher in Geography classes. It was concluded that the use of organizers promoted new learning situations, a collaborative environment between teacher and new students and dynamization of classes.

Keywords: Education. Meaningful learning. Hashtag. American continent.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva.** Lisboa: Editora Plátano, 2003.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicología educacional.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa, organizadores prévios, mapas conceituais, diagramas v e unidades de ensino potencialmente significativas.** Material de apoio para o curso “Aprendizagem Significativa no Ensino Superior: teorias e estratégias facilitadoras”. PUC-PR, 2012-2013. Disponível em: <<http://www.faatensino.com.br/wp-content/uploads/2014/04/Aprendizagem-significativa-Organizadores-pr%C3%A9vios-Diagramas-V-Unidades-de-ensino-potencialmente-significativas.pdf#page=41>>. Acessado em 06/05/2017.

Recebido em 11/02/2018.

Aceito em 28/06/2018.